



**Centro Universitário de Brasília**  
**Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**FERNANDA RODRIGUES DE BARROS**

**REVISÃO DE TEXTO NO FACEBOOK**

Brasília  
2017

**FERNANDA RODRIGUES DE BARROS**

**REVISÃO DE TEXTO NO FACEBOOK**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília  
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito  
para obtenção de Certificado de  
Conclusão de Curso de Pós-graduação  
*Lato Sensu* em Língua Portuguesa:  
Revisão de Texto

Orientadora: Prof. MSc. Denise Silva  
Macedo

Brasília  
2017

**FERNANDA RODRIGUES DE BARROS**

**REVISÃO DE TEXTO NO FACEBOOK**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília  
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito  
para obtenção de Certificado de  
Conclusão de Curso de Pós-graduação  
*Lato Sensu* em Língua Portuguesa:  
Revisão de Texto

Orientadora: Prof. MSc. Denise Silva  
Macedo

Brasília, 18 de setembro de 2017.

Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Solange de Carvalho Lustosa

---

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

## RESUMO

A comunicação entre as pessoas passou por diversas transformações e aprimoramentos para chegar ao jeito que está hoje. O avanço tecnológico, com o surgimento da internet, proporcionou uma série de ferramentas para facilitar a comunicação entre os indivíduos. As redes sociais possibilitaram interações em tempo real mesmo estando a muitos quilômetros de distância. Trouxeram uma nova forma de interação e ampliaram os modos de comunicação, o que interferiu na linguagem, no comportamento e na forma de se comunicar. Nesse novo contexto, o Facebook configura um novo suporte virtual que ganhou enorme proporção e visibilidade nos últimos anos, tornando-se um dos maiores veículos de comunicação e de troca de informações do mundo. A fala e a escrita estão intimamente ligadas a essas mudanças, uma vez que elas são as formas mais utilizadas de comunicação. Ambas as modalidades da língua, juntamente com os suportes e os gêneros textuais virtuais, interferem diretamente na profissão do revisor de texto, tendo em vista que este pode lidar com todo e qualquer tipo, formato e objetivo de texto, incluindo os novos, virtuais. Dessa forma, o presente estudo visa a analisar a influência de todos esses fatores – fala, escrita, gêneros textuais virtuais, redes sociais – na profissão do revisor de textos, com foco no contexto do Facebook, no gênero postagem institucional. Esta pesquisa mostrou que é possível revisar um texto retirado dessa rede, desde que se trate de uma página institucional, cujos alcance nacional e numeroso público-alvo exigem que a linguagem seja utilizada sem desvios formais. Por essa razão, tais páginas podem ser revisadas à luz da Gramática Tradicional, mesmo estando inseridas em um gênero textual rápido e informal.

**Palavras-chave:** Fala. Escrita. Gêneros Textuais. Revisão de Texto. Facebook.

## ABSTRACT

Communication between people has gone through many transformations and improvements to get to the way it is today. The technological advance, with the emergence of the internet, provided a series of tools to facilitate communication between individuals. Social networking enabled real-time interactions even though it was many miles away. They brought a new form of interaction and expanded modes of communication, which interfered in language, behavior, and how to communicate. In this new context, Facebook sets up a new virtual support that has gained tremendous proportion and visibility in recent years, becoming one of the world's largest communication and information exchange vehicles. Speech and writing are closely linked to these changes, since they are the most commonly used forms of communication. Both modalities of language, along with virtual textual supports and genres, directly interfere with the text reviewer's profession, since it can handle any type, format and purpose of text, including new, virtual ones. Thus, the present study aims at analyzing the influence of all factors - speech, writing, virtual textual genres, social networks - in the text reviewing profession, focusing on the context of Facebook, in the institutional post genre. This research showed that it is possible to revise a text taken from this network, provided that it is an institutional page, whose national reach and numerous target audience require that the language be used without formal deviations. For this reason, such pages can be revised in the light of Traditional Grammar, even though they are embedded in a quick and informal textual genre.

**Keywords:** Speech. Writing. Textual Genres. Text Review. Facebook.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1 A REVISÃO DE TEXTO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Revisão Tradicional e a Revisão para além da gramática .....	10
1.2 A influência da tecnologia na revisão de texto.....	14
<b>2 RELAÇÃO FALA X ESCRITA .....</b>	<b>17</b>
<b>3 GÊNEROS TEXTUAIS.....</b>	<b>21</b>
3.1 Gêneros Virtuais.....	25
3.1.1 <i>Redes Sociais</i> .....	26
3.1.1.1 <i>O Facebook</i> .....	28
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>36</b>
<b>5 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>38</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Percebendo que as redes sociais estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, tanto no aspecto pessoal, quanto no profissional, o presente estudo possui o objetivo geral de investigar quais os limites da revisão de texto no gênero textual postagem institucional no suporte Facebook, à luz dos estudos de gênero de Marcuschi (2004, 2008) e das novas propostas de revisão (ROCHA, 2012; MACEDO, 2013). Para tanto, os objetivos específicos são: analisar como a escrita institucional é vista pelos usuários do FB; constatar as ocorrências e os obstáculos que o revisor de texto pode encontrar ao se deparar com um texto extraído desse meio; identificar as principais características que um revisor deve possuir; e ainda compreender a relação entre a fala e a escrita, verificando de que forma a primeira influencia na segunda nesse meio.

As novas tecnologias possibilitaram o surgimento de uma nova forma de se comunicar: a internet. Esta, por sua vez, possibilitou a criação das redes sociais, o que facilitou, e muito, a comunicação e a troca de informações e de conhecimentos entre as pessoas. A princípio, as redes sociais eram utilizadas apenas para fins de conversação. Com o passar do tempo, elas foram ganhando novas funções, como o compartilhamento de arquivos e informações, pessoais e institucionais, e a divulgação de produtos, de serviços, de vagas de emprego.

No início, as redes sociais eram muito utilizadas para as pessoas expressarem suas opiniões e sentimentos e trocarem informações de modo informal e descontraído, o que ajudou a tornar o meio virtual um mundo paralelo ao real. As pessoas escreviam e escrevem nas redes da forma como falam, porque isso traz um

ar informal, facilita a comunicação e a torna mais rápida e mais divertida. Com o passar do tempo e do avanço das tecnologias, a presença da fala na escrita, o que chamamos de marcas de oralidade, foi se tornando cada vez mais comum nesse ambiente. Com tal ocorrência, juntamente com várias outras, estudos começaram a ser realizados a respeito desses fenômenos, que estavam e ainda estão ocorrendo na língua.

Bagno (1999, p. 54) declara que os estudos acerca da modalidade falada da língua são tão importantes quanto aqueles acerca da linguagem escrita, pois é “nessa língua falada que ocorrem as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua”. Com base nisso, percebeu-se que era necessário aprofundar e desenvolver mais os estudos sobre gêneros textuais virtuais, pois gêneros novos passaram a surgir significativamente, em grande volume e rapidez, e muitos deles com formatos e características bem distintas dos já conhecidos.

O estudo de gêneros é importante para que as pessoas aprendam a identificá-los e a diferenciá-los desde cedo, pois a falta de conhecimento de gêneros pode ocasionar em, por exemplo, algumas pessoas não saberem diferenciar os momentos e as situações de escreverem como falam ou de escreverem como a norma-padrão exige. Daí, nota-se a possibilidade ou até mesmo a necessidade de inserir o contexto das redes sociais no ensino da linguagem escrita, tendo em vista que elas constituem um novo suporte virtual, que abrange inúmeros gêneros textuais. Na grande maioria das vezes, os alunos das escolas também são usuários da internet e das redes sociais. Logo, eles devem aprender a diferenciar os ambientes e os contextos formais e informais; aprender a se portarem diante de cada um deles, o que, de certa forma, pode ser orientado por meio do ensino de gêneros textuais. O mesmo vale para o revisor, hoje já defendido como revisor de gêneros (ROCHA, 2012).



Em uma geração em pleno desenvolvimento tecnológico, as crianças começam a ter contato com as novas tecnologias desde cedo. Esse é um fator positivo, pois mostra que o avanço tecnológico atinge e serve pessoas de todas as idades, sem discriminação e distinção. Esse rápido desenvolvimento proporciona aos usuários a experiência de estar em contato com novos tipos de linguagem e de contextos, e, conseqüentemente, novos suportes e novos gêneros textuais, sejam eles orais, escritos ou visuais.

A rede social FB é um suporte que abrange vários tipos de gêneros textuais, possui relação direta com a linguagem falada e escrita dos seus usuários – uma vez que a escrita é sua maior ferramenta de comunicação – e, assim como várias outras redes, está plena de elementos que constituem a fala e são representados na escrita. Comporta páginas pessoais, institucionais, comerciais (venda de produtos e de serviços), que são cobradas em suas linguagens.

Diante de toda a questão de identificar e de filtrar os desvios ortográficos encontrados nas páginas institucionais de FB, com base na análise da influência que essa rede tem sobre a linguagem escrita, o revisor de texto deve estar muito atento ao revisar um conteúdo retirado desse site de relacionamento na internet, uma vez que, ao revisar um texto, o profissional deve levar em consideração o contexto, o gênero textual, o público-alvo, o emissor da mensagem, entre outros elementos que interferem direta e indiretamente em uma boa revisão textual. Daí a necessidade de sua atualização em relação aos estudos Linguísticos, para além dos estudos gramaticais.

O presente trabalho foi estruturado em 5 capítulos. O primeiro capítulo aborda duas visões sobre a Revisão de Texto, a tradicional e a para além da gramática, além de abordar também a influência da tecnologia nessa área de atuação.

O segundo capítulo ilustra a relação existente entre a língua falada e a língua escrita, e de que forma elas interferem no meio social. O terceiro capítulo expõe uma análise sobre gêneros textuais, focando nos gêneros virtuais contidos no suporte FB. No quarto capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. O quinto e último capítulo proporciona a análise dos dados coletados e os resultados da pesquisa feita para a concretização deste trabalho.

## **1 A REVISÃO DE TEXTO**

A revisão de texto geralmente é vista como algo fácil de fazer, simples, mecânico, que requer apenas amplos conhecimentos gramaticais e atenção. Porém, ao adentrar essa área, percebe-se que não é exatamente assim, sobretudo em tempos de novas tecnologias, de muitos novos gêneros, de muitos novos objetivos e modos de comunicação e diferentes autores. Hoje, todos podemos criar conteúdo na internet. Com tal variedade, multiplicam-se os desafios do revisor.

Apesar de incerta a data em que os revisores de texto surgiram, é bem certo que os primeiros profissionais da área eram pessoas de grande cultura e inteligência, dotadas de amplos conhecimentos e respeitadas pela sociedade, tendo em vista que, tempos atrás, eram considerados poderosos e cultos aqueles que dominavam a linguagem escrita. Com o passar do tempo, com a linguagem escrita passando a ser acessível a todas as pessoas, independentemente da posição destas na sociedade, a profissão revisor de texto passou a ser vista com a função apenas de adequar o texto a ser revisado à norma-padrão da língua e corrigir eventuais erros ortográficos. Essa visão tradicional da revisão será abordada no subcapítulo a seguir.

### **1.1 Revisão tradicional e revisão para além da Gramática**

A revisão tradicional é marcada, e até criticada, por limitar a tarefa do revisor de texto a correções ortográficas, normalização tipográfica, eliminação de repetições e cotejamento entre original e provas. Nessa perspectiva, o revisor é visto como um comparador de original e provas. Para Guilherme (1967, p.1), revisão é “o

exame das provas de impressão para fazer as necessárias emendas ou alterações e conformá-las com o original”. Pinto (1993), por sua vez, afirma que o ato de revisar consiste em cotejar a prova com o original sem responsabilidade com o conteúdo e restrito apenas aos erros tipográficos. Ele se baseia em Seán Jannett (1956), que expõe que:

A tarefa do revisor é descobrir quaisquer erros que tenham sido cometidos na composição e dar instruções para sua correção, e também zelar por que os enganos do próprio autor sejam evitados, chamando, se for o caso, a atenção deste.

Araújo (2008, p. 364) também limita a função do revisor de texto ao afirmar que, do revisor,

requer-se um bom conhecimento normativo da língua, extrema capacidade de concentração, perícia suficiente para distinguir as principais famílias e fontes de tipos, perfeito domínio da maior quantidade possível dos signos com os quais assinala, nas provas, aquilo que discrepa do original, além de razoável cultura geral para não cometer, ele mesmo, determinados erros.

Para os autores citados acima, revisar texto é apenas um ato mecânico, que se baseia em identificar e em corrigir eventuais equívocos cometidos pelo autor do texto, em que o revisor não considera nem interfere no conteúdo do texto.

Avançando no assunto, Saatkamp (1996, p. 66) discorre que revisar é uma “ádua tarefa, que exige dos profissionais dupla atenção: para o sentido do texto e para sua correção ortográfica”. Com base nessa opinião, pode-se perceber que Saatkamp considera que o revisor deve ter algum conhecimento prévio a respeito do conteúdo do texto a ser revisado, pois ele deve se atentar ao significado do texto, sem deixar de frisar que a correção ortográfica também faz parte do ato de revisar.

De acordo com Macedo (2013, p. 41), o conceito de revisão e as atribuições do revisor de texto não são muito claros, tendo em vista que diversos autores renomados não entram em consenso para definir a referida profissão, pois

eles descrevem a prática da revisão como tarefa normativista, controladora, criando a imagem do revisor como um profissional bem menos flexível e culto do que ele, na prática, deve e pode ser.

Macedo (2013, p. 42) afirma ainda que “os discursos reducionistas fazem permanecer, no senso comum, a imagem da Revisão Textual como uma atividade limitada à norma-culta”. Para a mencionada autora, a Revisão Textual é uma atividade transdisciplinar que abrange problemas de normalização, de diagramação, da ideologia do texto verbal e não verbal, tendo em vista que

uma mensagem verbal ou não verbal pode não ser compreendida não apenas em seu conteúdo, mas também em seus efeitos tipográficos, na escolha incorreta dos caracteres ou mesmo na diagramação inadequada (MACEDO, 2013, p. 59).

Os estudos acerca da mencionada profissão mostram que as funções do revisor vão muito além da correção de erros ortográficos e da aplicação de regras gramaticais. Dependendo do objetivo do texto e do contexto em que está inserido, pode ser que uma revisão ortográfica ou de adequação à norma-padrão não caiba ou não seja suficiente ao texto a ser revisado.

“Para que haja interação, é necessário, além do domínio das formas de determinada língua (léxico, gramática), o domínio de gêneros, o que implica seus usos sociais” (ROCHA, 2012. p. 119). Assim, o papel do revisor de texto vai além da Gramática Tradicional; vai em direção às práticas sociais, partindo de dentro para fora da língua.

Inserir o revisor nas práticas sociais contemporâneas muda significativamente seu papel: envolve-o nos efeitos causais dos textos com que ele trabalha, o que implica analisar aspectos ideológicos desse texto em sociedades cada vez mais diversas e letradas; amplia o próprio conceito do texto a ser analisado pelo revisor, incluindo imagens e demais aspectos multimodais, como tipografia, cor, composição; considera o contexto em que esses textos são produzidos, divulgados e consumidos (MACEDO, 2013, p. 68).

As atribuições do revisor acompanham a diversidade de gênero, de suporte, de finalidade e de intuito do texto a ser revisado. Além dos erros de ortografia, o contexto, o público-alvo, o gênero textual, a intenção do autor, a relevância do texto, devem ser considerados pelo revisor, para que suas interferências sejam adequadas. Esses aspectos são essenciais para que o texto consiga transmitir sua mensagem e atinja seu objetivo.

Um aspecto fundamental da atuação do revisor de texto é que este deve ter vastos conhecimentos sobre gêneros textuais – suas estruturas, finalidades, instâncias discursivas, linguagem – (MACEDO, 2013), pois é o gênero que norteará a estrutura do texto. Sua profissão é tão abrangente que permite, e às vezes exige, que o profissional trabalhe com textos e com produções de diversas pessoas, áreas, suportes, com as mais variadas intenções e objetivos.

(...) revisor [deve] estar sintonizado com as peculiaridades e com as singularidades dos diversos gêneros discursivos que circulam nas diferentes esferas das atividades humanas, muitas vezes, transmutando-se, intercalando-se, ajustando-se, de acordo com as necessidades do autor (MACEDO, 2013, p. 79).

Rocha (2012) expõe que o conhecimento de gêneros textuais na revisão de texto é importante, pois essa atividade trabalha com gêneros escritos nos mais diversos contextos sociais. O autor afirma que

mesmo conhecendo intuitivamente a natureza do gênero, sua prototipicidade, sua estrutura esquemática e a comunidade discursiva que o produz como uma parte de suas atividades, [o revisor] precisa ter uma visão teoricamente consciente da peça discursiva sob sua responsabilidade, (...) [pois] revisar texto, tendo em vista a teoria dos gêneros, significa conhecer sua natureza, sua forma de ação social e os múltiplos sentidos que os constituem. Afirmo isso porque, em grande parte dos contextos de Revisão, ainda se considera a noção de texto como produto apenas gráfico, sem considerar as implicações sociais, desconsiderando-se outras formas de representação (ROCHA, 2012, p. 117).

O autor propõe ainda, em sua tese, que não sejam formados revisores de texto, mas sim de gêneros. Para ele, os gêneros são mais que estruturas. Ele compartilha do pensamento de Bazerman (2006, apud ROCHA, 2012, p. 117):

os gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São lugares em que o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as situações por meio das quais interagimos, e as palavras medeiam e negociam a interseção desses momentos dentro do mundo da produção e da recepção.

Sendo assim, a GT, por si só, não é suficiente para o revisor, pois suas regras e determinações não consideram a esfera discursiva do texto, seu meio de circulação e intuito. A GT é uma aliada do revisor se o texto a ser revisado exigir pura aplicação da norma-padrão. Caso contrário, se aplicada a um gênero que permite variantes linguísticas, a revisão pode prejudicar o sentido e o objetivo do texto, interferindo, assim, na compreensão ou na intenção da mensagem transmitida, além de perpetuar o preconceito linguístico.

## **1.2 A influência da tecnologia na revisão de texto**

Com o avanço da tecnologia, diversos tipos de programas de computador foram criados com o intuito de corrigir erros ortográficos, de traduzir uma língua para outra, de apontar determinados equívocos, entre outras funções básicas. Porém, esses programas ainda não substituem o profissional *revisor de texto*, pois eles não dão conta de tudo que um texto traz em si, não são capazes de considerar os aspectos

citados acima, ou seja, o contexto, o público-alvo, o gênero textual, entre outros elementos fundamentais para uma boa revisão textual.

O avanço tecnológico viabilizou diversas ferramentas que contribuem para o ato de revisar texto, como também possibilitou o surgimento dos mais variados suportes para os textos. Com esses avanços, a atividade do revisor adquiriu ferramentas que o auxiliam e facilitam o seu trabalho, porém, também aumentaram os desafios que esse profissional pode encontrar, uma vez que é necessário que o revisor conheça e tenha consciência de que o homem possui várias maneiras de se comunicar e de se expressar, além de, também, ter ciência de que sua profissão exige, mesmo depois de tanto tempo e evolução, cultura geral e conhecimento de outras áreas.

Para Macedo (2013, p. 34), toda essa tecnologia contribuiu para desfazer a barreira existente entre os profissionais de texto (revisores, escritores, editores, etc.), por meio dos programas que permitem associar as funções de cada um, facilitando o trabalho de todos. Dessa forma, essa tecnologia impactou, direta e igualmente,

(...) a produção, a distribuição e o consumo desses textos destinados a um público cada vez maior, em um tempo cada vez menor, implicando a necessidade da análise de seus efeitos causais, demandando, por conseguinte, conhecimento nessas áreas.

Partindo do princípio de que o revisor de texto é um profissional do qual são exigidos múltiplos conhecimentos, ainda que em níveis básicos muitas vezes, é de se esperar que ele tenha, no mínimo, amplos conhecimentos e domínio de gêneros textuais, considerando que todo texto, verbal ou não verbal está inserido e é caracterizado por algum gênero.

A internet evoluiu de uma forma que hoje em dia é possível criar e produzir discursos de qualquer natureza, tipo e formato, com qualquer objetivo e intenção, para



qualquer tipo de público. O desenvolvimento tecnológico possibilitou que gêneros já existentes ganhassem novas formas e características, além de ter possibilitado também o surgimento de inúmeros e novos gêneros. Macedo (2013, p. 77) expõe que o surgimento de novos gêneros

significa novas formas de comunicação, tanto na oralidade, quanto na escrita e significa, ainda, que os gêneros surgem, situam-se e integram-se de modo funcional nas culturas e nas instâncias em que se desenvolvem.

O passar do tempo, os estudos feitos até hoje, a evolução da tecnologia, as mudanças significativas de comportamento e hábitos das pessoas de uma sociedade foram moldando o que hoje são os gêneros textuais. O tempo vai continuar passando, mais estudos serão realizados e aprofundados, a tecnologia tende a se desenvolver cada vez mais, e a conduta dos indivíduos vai continuar em mudança, em transformação. Tudo isso vai continuar interferindo e influenciando no conceito e na abrangência dos gêneros textuais, que serão explorados mais à frente, e, conseqüentemente, no trabalho do revisor.

## 2 RELAÇÃO FALA X ESCRITA

É de conhecimento geral o fato que a língua falada surgiu primeiro que a língua escrita e que aquela possibilitou o surgimento desta última. O que talvez não seja de conhecimento geral é que essas duas formas de linguagem estão intimamente ligadas, apesar de, muitas vezes, serem vistas como opostas ou concorrentes.

Linguagem é definida por Cereja e Magalhães (1998, p. 4) como “a representação do pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação”, e sua função é efetivar a comunicação, fazer com que esta ocorra. A fala e a escrita são meios de comunicação entre as pessoas de determinado grupo ou sociedade e fazem parte do mesmo sistema da língua, porém, possuem diferenças e características bem particulares. Por essa razão, não se pode afirmar que uma representa a outra. Bagno (1999, p. 53-54) afirma que a língua escrita é uma “*tentativa* [grifo do autor] de representação gráfica, pictórica e convencional da língua falada”, considerando que “sabemos que não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade”.

Na linguagem escrita, Coelho Neto (2013, p. 83) afirma que

(...) não há recursos de gestos, de entonações, de expressões faciais. O texto escrito é produzido e necessariamente revisado pelo autor, que o reavalia quanto ao funcionamento, com vistas a evitar repetições desnecessárias, truncamentos, problemas de concordância, regência, colocação pronominal, pontuação, ortografia. A sintaxe que usamos na escrita é mais complexa, ensejando a exatidão e a clareza do pensamento. O vocabulário é mais exato e preciso (...). Na escrita, são evitadas as gírias e as expressões coloquiais, principalmente quando o texto é formal.

A escrita é representada por símbolos gráficos (letras e ideogramas) e é geralmente caracterizada como mais formal, objetiva, direta. De acordo com Bagno

(1999, p. 55), a língua escrita “é totalmente artificial, exige treinamento, memorização, exercício, e obedece a regras fixas, de tendência conservadora”, e é regida e determinada pela GT, que contém todas as regras que estabelecem e ditam como essa linguagem deve ser representada e expressa: a língua-padrão. Macedo (2013, p. 50) define língua-padrão como:

o conjunto de formas consideradas certas, socialmente aceitáveis, de falar ou de escrever, independentemente de contextos e instâncias do discurso. Entretanto, ela desconsidera aspectos sociais do uso da língua, como as variações linguísticas que ocorrem no interior da fala de um grupo, conforme as diferentes posições, funções ou circunstâncias dos indivíduos ou dos subgrupos de que estes fazem parte.

A gramática surgiu para delinear e determinar como regras e padrões os usos de linguagem produzidos por escritores considerados modelos a serem seguidos. Contudo, a gramática normativa é decorrente da língua, sendo subordinada a ela (BAGNO, 1999). Com o passar do tempo, sendo a gramática um instrumento de poder, houve uma inversão da realidade histórica: a escrita surgiu da fala, porém, a fala passou a ser submissa à escrita, tendo em vista a imposição de que a escrita é a forma correta de usar a língua, forma essa descrita e determinada pela GT.

Assim, as regras da GT passaram a ser aplicadas e exigidas também na língua falada, o que, para Bagno (1999, p. 55) “é um disparate científico sem tamanho”, pois, para o autor,

a gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única forma legítima de falar e escrever, como a única manifestação linguística que merece ser estudada (BAGNO, 1999, p. 57).

A linguagem falada, por sua vez, é expressa pelos sons humanos e é mais flexível, é espontânea, imprecisa, não planejada, permite redundâncias, desvios e maior liberdade de discurso; na maioria das vezes, utiliza-se da informalidade e

permite alterar sotaque, timbre, entonação, entre outros elementos característicos de quem se expressa verbalmente. A fala varia de uma sociedade para outra, podendo ser diversificada, inclusive, dentro de uma mesma sociedade, além de também ser desenvolvida e determinada pela cultura e pelo meio das pessoas que a utilizam, considerando que

a língua falada é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida. É o instrumento básico de sobrevivência (BAGNO, 1999, p. 54-55).

Para Coelho Neto (2013, p. 83),

(...) na fala, temos apoio da situação física, do contexto, (...) das modulações de voz, das referências ao ambiente; podemos interagir com o ouvinte, repetir conceitos, sanar dúvidas; na fala, em que primamos pela simplicidade nas expressões, surgem comumente truncamentos, cortes, repetições, titubeios e problemas de concordância (...). Na fala, é comum o uso de expressões dialetais.

Apesar de todas essas diferenças e características particulares, a fala e a escrita são bem próximas uma da outra. Foi da fala que surgiu a necessidade da escrita, para que esta registrasse as ocorrências e a evolução daquela, além de servir para aqueles que a dominavam e detinham seu poder, uma vez que aqueles que dominavam a escrita eram vistos como poderosos e intelectuais. Porém, mesmo com todo prestígio e poder dados à escrita, esta não deve ser tomada como núcleo da linguagem, pois, assim,

perde-se de vista a sua verdadeira essência que é a fala, dotada de vitalidade incontrolável. Isso quer dizer que as línguas humanas estão em constante movimento, por variação e mudança dentro da comunidade linguística, de uma geração para outra, sendo o contato entre os dialetos e línguas uma força motriz comum e de grande relevância nesse processo. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 28-29)

Ambas as modalidades de linguagem possuem a finalidade de conceber alguma comunicação, ou seja, as duas servem à interação verbal, cada uma à sua

forma, sob seus diferentes gêneros textuais, para alcançá-la. Como já dito anteriormente, a fala e seu funcionamento variam de acordo com o contexto em que estão inseridos. Portanto, partindo do princípio de que a escrita é um resultado da fala, seu funcionamento também varia de acordo com o meio em que existe.

As características citadas a respeito das duas formas de linguagem – falada e escrita – são as mais comuns e de fácil identificação, porém, não são exclusivas de cada modalidade, tendo em vista que ambas não são totalmente invariáveis, além de ocorrerem conforme a demanda do contexto:

Tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, podem estar mais, ou menos, 'cuidadas' em relação à norma padrão, podem ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso (ANTUNES, 2003, p.100).

Sendo assim, ter consciência da existência dessas modalidades de linguagem, de seus funcionamentos e usos é fundamental para uma pessoa se integrar e fazer parte de uma determinada sociedade, tendo em vista que a comunicação é elemento fundamental para convivência e vivência diária, além de se fazer presente em tudo que está à nossa volta. É interessante que as pessoas saibam utilizar e consigam entender as diferenças entre a fala e a escrita, seus registros e variedades, uma vez que “a versatilidade natural do usuário de uma língua é muito grande. O falante usa a língua nas mais diversas situações, com objetivos diferentes, em diferentes níveis” (GARCEZ, 2001, p.72-75).

Conhecer, saber utilizar e diferenciar os diversos tipos de gêneros textuais e de linguagem, principalmente a fala e a escrita, é essencial para o revisor de texto exercer a sua função, uma vez que esses dois meios de comunicação estão intimamente ligados e podem ser peças-chaves para o seu trabalho. Estudos de gêneros textuais serão abordados no próximo capítulo.

### 3 GÊNEROS TEXTUAIS

Os estudos a respeito de gêneros textuais são de longa data, mas, atualmente, esses estudos estão sendo inovados por um novo suporte, o virtual. Suporte é definido como “*lócus* físico ou virtual, com formato específico, que serve de base ou ambiente para fixar e mostrar o gênero materializado como texto” (MACEDO, 2013, p.78). Antigamente, de acordo com Marcuschi (2008), o termo *gênero* era vinculado apenas à literatura, em que a pesquisa acerca dessa expressão teve início com Platão, se estabelecendo com Aristóteles, passando pela Idade Média até os primórdios do século XX.

Hoje em dia, o referido termo também é utilizado por outras áreas, como a Sociologia, Antropologia e a Linguística, que o visualizam pela ótica de Swales (1990 apud MARCUSCHI, 2008, p. 147), que declara que “gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. Esse interesse de outras áreas pelos estudos de gêneros se dá porque os gêneros são intimamente ligados ao funcionamento da linguagem, à cultura e à sociedade, conforme Marcuschi (2008, p. 149) afirma:

a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas (...).

Marcuschi (2008, p. 159) expõe várias concepções de gênero, entre elas, a de que “os gêneros não são entidades formais, mas, sim, entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdos* [grifo do autor]”; “são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia” (p.

161); “são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas” (p. 190). Partindo desses conceitos, pode-se dizer que gênero textual é o que traça e determina como o discurso ocorrerá, além de estabelecer a forma e a estrutura desse determinado discurso, inserido em um contexto de uma dada sociedade.

Todos os gêneros possuem uma estrutura e uma finalidade específicas, assim como também possuem uma natureza e um sentido, e são esses elementos que os definem e os colocam em movimento. Marcuschi (2008, p. 156) reitera que os gêneros não podem ser vistos “como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, [e devem ser vistos] como entidades dinâmicas”.

Alguns exemplos de gêneros são: monografia, bula de remédio, reportagem, piada, edital de concurso, manual de instrução, contratos, fatura do cartão de crédito, romance, entre outros. Cada gênero possui um padrão de elementos que os formam e determinam, além de ter um objetivo e intenção específicos. Ter um padrão de elementos não significa dizer que toda monografia é igual, ou que todo manual de instrução é igual, mas, sim, dizer que cada gênero tem certos elementos que o caracterizam. Uma monografia, por exemplo, é um trabalho científico que possui uma estrutura padrão que deve ser seguida (o texto deve ser construído seguindo a lógica introdução-desenvolvimento-conclusão, e seu conteúdo deve ter um tema central que será abordado e defendido pelo autor), mas ela se distingue de outras monografias no que diz respeito à área correlata, ao estilo do autor, ao objetivo, ao tema, conteúdo, quantidade de páginas, instituição à qual será apresentada etc.

Os gêneros são determinados e utilizados pela sociedade. Assim, variam de cultura para cultura, considerando que “a escolha de um gênero que pode ser usado para servir a uma certa função interativa em nossa cultura pode se tornar inadequada numa situação cultural diferente” (GÜNTHER, 1990 apud MARCUSCHI, 2008, p. 171). Isso significa que os gêneros não atuam da mesma forma em diferentes culturas. Marcuschi (2008, p. 173) afirma que

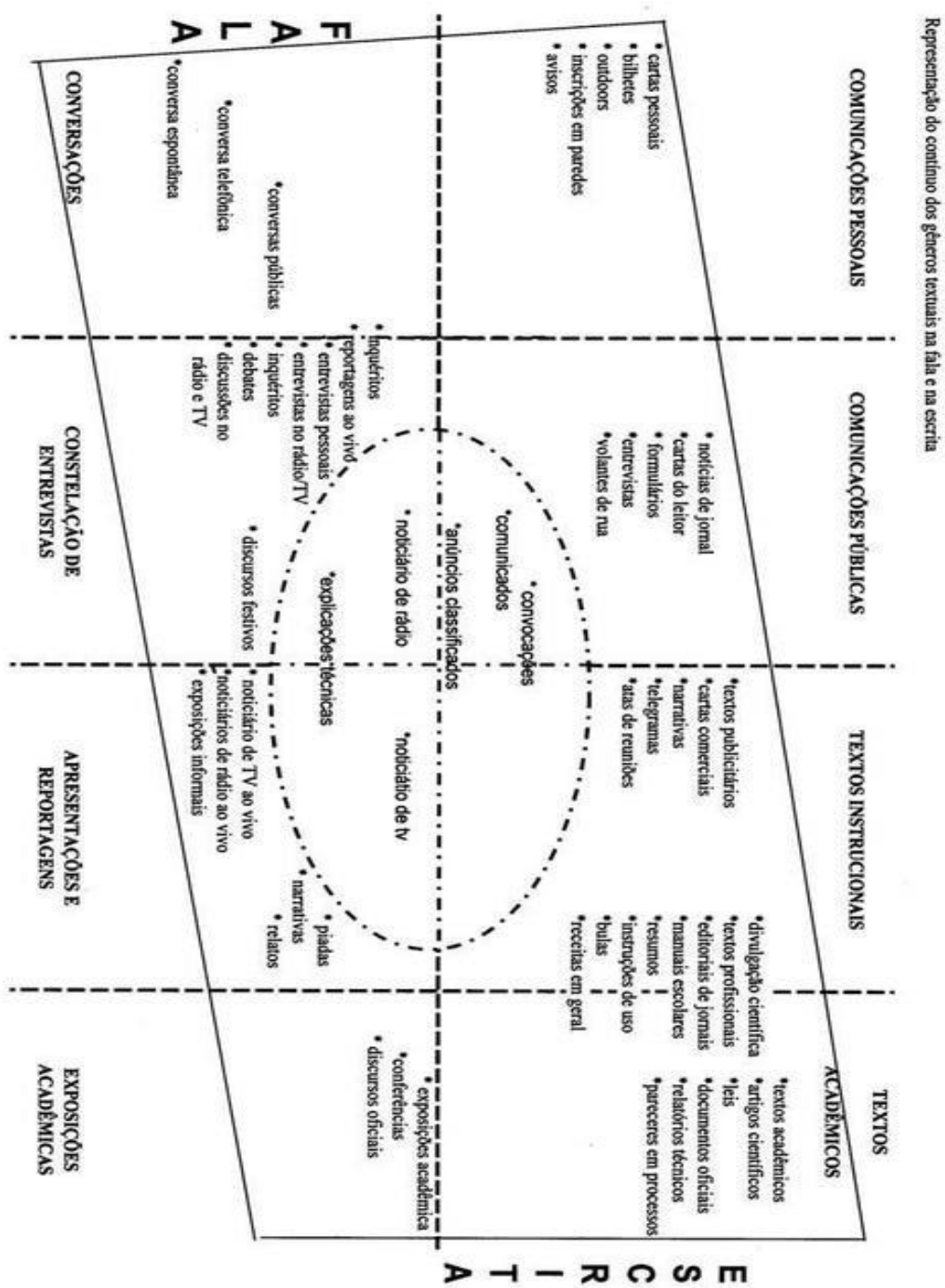
O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente.

Apesar de a grande maioria dos gêneros ser representada pela linguagem escrita, também há representações pela linguagem oral. Exemplos de gêneros orais são: conferências, seminários, reportagens ao vivo, publicidade de rádio e TV, debates, telefonemas etc. Marcuschi (2008, p. 197) ilustra, na Figura 1, o contínuo da relação existente entre a fala e a escrita. O autor busca enquadrar cada gênero a uma instância discursiva específica. Ao fazê-lo, depara com gêneros que se enquadram nas duas modalidades. Assim, surgem os gêneros híbridos ou mistos, que são gêneros que se complementam, que possuem características de outros gêneros, e, como resultado dessa mescla, acabam formando um novo gênero.

Por exemplo, o gênero jornalístico: leva informações acerca de determinados assuntos. No interior do suporte jornal, há gêneros, como a notícia, a crônica, o editorial, que são seções contidas em jornais e em revistas, com objetivos e formatos específicos. O gênero jornalístico pode trazer uma entrevista jornalística, impressa ou oral, que é o caso de um jornal televisivo ou radiofônico.



Figura 1 – Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita



### 3.1 Gêneros Virtuais

Com o passar do tempo e com a evolução tecnológica, surgiram diversos tipos de gêneros, entre eles, os virtuais. Esses gêneros são variados, multifuncionais e estão atualmente entre as maiores práticas comunicativas.

Os gêneros virtuais são novos em seus suportes, formatos e ferramentas, porém, não são novos em sua base, tendo em vista que seu propósito básico inicial – de estabelecer alguma forma de interação entre as pessoas – é também o propósito básico inicial de outros gêneros. Assim, os gêneros virtuais possuem características similares às de outros gêneros, que aqui se unem e se complementam, constituindo uma perspectiva inovadora na relação entre a fala e a escrita, uma vez que permitem que os usuários integrem elementos imagéticos, de áudio, de vídeo, sinais gráficos, *emoticons*, etc., que asseguram uma interação maior entre os usuários, partindo de conversas síncronas, de acordo com Marcuschi (2005). A linguagem utilizada nesses gêneros é essencialmente escrita, podendo ser híbrida, quando se utiliza dos elementos citados acima, por exemplo.

Geralmente, os gêneros digitais permitem que a linguagem escrita seja mais informal, com menor ou nenhuma monitoração e cobrança; permitem uma relação síncrona entre os usuários e ainda proporcionam, em um mesmo ambiente, diversas ferramentas e formas de expressão, o que, de acordo com Marcuschi (2004, p. 13) “lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses (...)”. Ainda de acordo com o autor, a análise desses gêneros é significativa, baseada em três aspectos:

(1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita (MARCUSCHI, 2004, p. 14).

Alguns exemplos de gêneros virtuais são: e-mail, chat, blogs, videoconferência e as postagens do FB, que é o objeto de estudo deste trabalho e será abordado mais à frente.

Com base nessas características, surge o questionamento a respeito da revisão textual dentro desse meio. É possível revisar um gênero retirado do FB? Quais elementos devem ser levados em consideração e quais elementos não se enquadram aqui? Primeiramente, é necessário definir o foco da revisão a ser realizada: o revisor deseja corrigir o texto, de forma a adequar a linguagem utilizada à norma-padrão? Ou o revisor deseja adequar esse texto ao meio que ele está inserido? Qual o objetivo final dessa revisão? Em segundo lugar, o revisor deve considerar o suporte e os gêneros contidos nele: quais as características linguísticas do FB? Que nível de formalidade e de informalidade ele comporta? Quem é o público-alvo? Com base nos objetivos finais, juntamente com o delineamento do suporte e do gênero textual das postagens, é que o revisor de texto saberá qual direcionamento tomar com relação a esse determinado texto.

### *3.1.1 Redes Sociais*

A internet em si já é um suporte que engloba outros suportes e, conseqüentemente, diversos gêneros textuais, considerando as múltiplas ferramentas que essa possibilitou e disponibilizou aos seus usuários para que estes se

comunicassem. Com mecanismos cada vez mais sofisticados, atraentes e de fácil manuseio, foram constituídas as redes sociais, que também podem ser consideradas um novo suporte virtual, o que nos oportuniza estar em contato com uma variedade enorme de gêneros. O dicionário on-line Priberam da Língua Portuguesa define a expressão *rede social* como “conjunto de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que partilham interesses, que funcionam em sua maioria através de plataformas da internet”.

As pessoas se sentem mais livres e seguras para se expressarem, tendo em vista que as redes sociais se utilizam, na maioria das vezes, de linguagens mistas, uma vez que permitem aos usuários fazerem uso de imagem, escrita, áudio e outras ferramentas disponíveis, muitas vezes ao mesmo tempo. Essas redes são utilizadas para diversos fins, como, por exemplo, para divulgar serviços, produtos, vagas de emprego, eventos, *shows* ou até mesmo marcar manifestações públicas.

Nesse ambiente virtual, os usuários buscam ter uma comunicação/interação com outras pessoas da forma mais natural e rápida possível. As pessoas passaram a exigir respostas rápidas e imediatas, o que fez com que a comunicação virtual entre elas crescesse significativamente. A necessidade de comunicação veloz e instantânea treinou as pessoas a escreverem como falam, com simplificações, abreviações, aglutinações, etc., o que pode facilitar e otimizar o tempo de conversa. Nisso, houve uma mescla das línguas falada e escrita. As pessoas foram se utilizando da fala na escrita, progressivamente, e foram ficando cada vez mais criativas e ousadas nas formações de novas palavras, gírias e expressões. A partir disso, diversas redes sociais passaram a surgir, de diferentes maneiras e finalidades, até que surgiu uma nova rede que abrange boa parte das múltiplas ferramentas disponibilizadas pela internet: o Facebook. Assim como todas as outras redes sociais,

o FB é enquadrado como um suporte virtual, considerando que é um ambiente propício para localizar uma gama de informações; é um modo de produção textual que envolve vários gêneros textuais; e ainda possui características de um serviço eletrônico, assim como a *home-page*, que é defendida, por Marcuschi (2004), como um suporte e não como gênero textual.

### 3.1.1.1 O Facebook

Em outubro de 2003, o *site Facemash* foi lançado por estudantes de Harvard, incluindo Mark Zuckerberg (criador do Facebook), com a intenção de se eleger os amigos mais atraentes da mencionada universidade. O acesso era restrito, sendo permitido apenas aos estudantes cadastrados de Harvard. No início do ano de 2004, houve uma alteração e Zuckerberg registrou o domínio “thefacebook.com”, que foi lançado em fevereiro. Em agosto de 2005, o domínio foi novamente alterado, passando a ser apenas “facebook.com”. Atingindo sucesso inesperado, o *site* passou a ser acessível a qualquer pessoa, desde que esta fosse estudante. Em 2006, o acesso ao FB foi liberado para qualquer pessoa, o que fez com que o número de usuários crescesse significativamente (SOARES, 2014).

A partir de então, diversas adaptações e melhorias começaram a ser feitas para aprimorar a apresentação e funcionalidade da rede social. O FB passou a contar com um sistema de veiculação de anúncios, foram criados o *chat* e as funções de chamadas ao vivo e de vídeo, além de ser possível adicionar filmes, livros e músicas aos perfis dos usuários.

Com o apoio e avanço das tecnologias, o FB vem se adaptando às necessidades e preferências de seus usuários, disponibilizando a eles várias formas de se comunicarem e trocarem informações. Essas adaptações tornam a rede cada vez mais prática e útil, favorecendo e aumentando suas funcionalidades e demanda, uma vez que as pessoas conseguem encontrar boa parte do que procuram dentro do próprio *site* (desde ofertas de diversos tipos de serviços e vagas de emprego até a compra, troca e venda de imóveis, utensílios, etc.), além de também ser um espaço para a transmissão de recados e de mensagens e compartilhamento de arquivos como fotos, vídeos, músicas, notícias e outros. Atualmente, o FB é considerado a principal rede social do Brasil e da América Latina, além de ser um dos maiores meios de comunicação do mundo, chegando a atingir a marca de 1 bilhão de usuários todos os dias, conforme anunciado pela empresa em abril de 2016.

Por ser uma rede social virtual com aspecto informal e por ter as mais variadas finalidades (que são definidas pelos usuários, desde que estes respeitem as regras de utilização do *site*), o FB é um ambiente que não pede e nem dita regras e padrões específicos de escrita a serem seguidos por seus usuários, o que torna a navegação na rede mais descontraída e sem compromisso, além de mais confortável, pois permite que seus clientes a utilizem da forma como quiserem, escrevendo sobre assuntos de qualquer natureza, muitas vezes sem se atentarem a erros ortográficos ou de concordância, entre outros. Apesar disso, exigências de regras formais de escrita permanecem, sobretudo, para páginas institucionais ou para figuras públicas com perfil de alto alcance. Permanecem porque o FB é uma instância escrita e porque instituições ou mesmo perfis de serviço se destinam a convencer ou vender, com numeroso público-alvo. Seus usuários assimilaram o chamado *internetês* (abreviaturas, *emoticons*, letras minúsculas no início de frases e até em nomes

próprios), mas não perdoam deslizes gramaticais, como concordância, ortografia, pontuação.

A Figura 2, logo abaixo, é uma postagem do FB. Ela contém dois comentários e foi retirada do perfil de um usuário comum. Destina-se a seguidores comuns. Os nomes e fotos dos usuários foram ocultados para que esses não fossem expostos.

Figura 2



Fonte - <https://www.facebook.com/> Acesso em: 04 jan. 2017

Na postagem em si, há algumas diferenças relacionadas à norma-padrão da língua portuguesa, como ausência de pontuação, abreviação da palavra “muito”, resultando em “mto”, e ainda o uso de estrangeirismo: a palavra inglesa “*dangerous*”, que significa “perigoso”, no segundo comentário. Os símbolos da aranha e das duas espadas dão um ar mais sombrio para a postagem, uma vez que esta está se referindo ao lado “gótico da força”. Esses dois símbolos são ferramentas disponíveis nesse suporte virtual e contribuem para a melhor compreensão ou expressão do contexto em que estão inseridos.

Considerando o contexto da postagem (de um usuário comum, para seus seguidores comuns), o suporte em que se encontra e o gênero textual em que está inserida, não é possível, nem necessário, que as regras da GT sejam aplicadas a esse texto, uma vez que o gênero textual em questão prevê esses usos, que não interferem na transmissão da mensagem. Porém, para a completa compreensão da postagem, é necessário que o leitor tenha os conhecimentos prévios sobre os quais ela se refere, caso contrário, a postagem não fará muito sentido.

O “lado gótico da força” lembra o “lado negro da força”, instrumento usado pelo lado do mal do filme *Star Wars*. Sonserina é uma das quatro casas da Escola de Hogwarts, dos filmes do *Harry Potter*, e abriga aqueles que são engenhosos e anseiam pelo poder; possui a imagem de que abriga os malvados pelo fato de os vilões da trama terem pertencido a essa casa. Há ainda a palavra *dangerous*. Caso o leitor não saiba seu significado, talvez não entenda o que o usuário quis dizer. Nos comentários abaixo da postagem, um dos usuários escreveu “kkk”, e o outro escreveu “hahaha”. Ambas expressões significam que a pessoa riu. Logo, para a completa compreensão dessa postagem, é necessário que o leitor conheça esses pequenos detalhes que fazem toda a diferença.

Ao constatar que esses detalhes são essenciais para o entendimento da mensagem, nota-se que o FB utiliza muitas variáveis linguísticas, entre elas, a variação diafásica, que é estabelecida em função do contexto comunicativo (o próprio FB), o que significa dizer que é a ocasião que determina como o discurso ocorrerá, se será formal ou informal. Contém também a variação diastrática, que ocorre devido à convivência entre os grupos sociais que, na Figura 2, aparece no linguajar do jovem, dos que leem *Harry Potter*, dos internautas. Neste caso, a GT não se aplica a ela, pois



o gênero e o contexto em que ocorreu permitem a construção da mensagem da forma como foi realizada.

Considerando o caso da Figura 2, que é uma das situações e contextos mais comuns dentro do FB, vê-se que nem sempre há necessidade de haver a interferência do revisor de texto, pois o suporte, sobretudo em páginas pessoais, permite alguns desvios relativos à norma-padrão da língua. Esses desvios, neste tipo de caso, não são levados em consideração.

Vejamos o caso de páginas institucionais, que são páginas governamentais e de empresas privadas, ou seja, são perfis profissionais, cujas postagens são voltadas para a população em massa. Enquadram-se no contexto formal do FB, e, portanto, a aplicação da GT pode se fazer necessária. Aqui, os internautas criticam os erros ortográficos e cobram que a linguagem escrita seja a gramatical, conforme *print* abaixo, retirado da página da Câmara dos Deputados (Figura 3).

Figura 3

**Câmara dos Deputados**  
15 de março às 09:44 · 🌐

Está na pauta do Plenário da Câmara o projeto que aumenta a pena para crimes de pirataria. A proposta transforma a punição em reclusão de até 4 anos, podendo ser cumprida em regime fechado. Hoje, a pena é de detenção (regime aberto ou semi-aberto) e no máximo de 1 ano.  
<https://goo.gl/rRqN7P>



**Câmara pode votar pena maior para pirataria**

Projeto aumenta pena máxima de 1 ano de detenção para 4 anos de reclusão

Curir · Comentar · Compartilhar

👍👎🗨️ 274 · Comentários mais relevantes ▾

51 compartilhamentos

Escreva um comentário...

██████████ Eu li crises de pirataria kkkkkk. E tá escrito mesmo rrsr  
Curir · Responder · 🌐 5 · 15 de março às 10:02 · Editado

**Câmara dos Deputados** 🌐 Corrigimos o erro de digitação, ██████████ obrigado.  
Curir · Responder · 🌐 1 · 15 de março às 11:19

██████████ Tranquilo. Erros acontece!!!  
Curir · Responder · 🌐 1 · 15 de março às 11:23

Fonte - <https://www.facebook.com/> Acesso em: 15 mar. 2017

Em princípio, foi localizado apenas um desvio relativo à norma-padrão, que consiste em a palavra “semiaberto” ter sido escrita conforme sua grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico, com o hífen (semi-aberto). Após o acordo, o uso do hífen entre vogais distintas caiu, passando a ser “semiaberto”.

A imagem da postagem traz um policial prendendo um pirata que está próximo às suas mercadorias piratas e sua bandeira. A área de publicidade fez uma analogia de um pirata propriamente dito (aquele que cruza os mares para roubar navios) com a pirataria existente no Brasil (reprodução ilegal de objetos protegidos por direitos autorais).

Ao ler os comentários, um usuário comum informou que havia encontrado um erro de digitação na postagem. Onde se lê agora “crimes”, antes se lia “crises”. A equipe responsável pela página da Câmara no FB realizou a correção na postagem e respondeu ao usuário, agradecendo-o por apontar o erro. O usuário respondeu novamente, informando que “erros acontece” (sic). O contraditório do comentário desse usuário foi que, ao responder à Câmara, ele mesmo cometeu um erro de concordância entre “erros” e o verbo “acontece”, que deveria estar no plural – “acontecem” – para concordar com o substantivo – “erros”. O deslize do usuário, porém, tem menos peso que o da instituição.

Com base em todas essas questões, deve-se analisar se o trabalho do revisor de texto nesse ambiente é necessário ou totalmente desnecessário. Em páginas institucionais, é importante que haja um revisor para as postagens, para que não ocorram erros de construção ou de sentido, e que as regras da GT sejam aplicadas corretamente, considerando a abrangência, o intuito, o contexto e o público-alvo dessas postagens. Vê-se que, mesmo em gêneros e suportes que comportam fala e escrita, porque a comunicação é, por vezes, pessoal e é sempre rápida, como

no caso do FB, o público leitor cobra a GT, o que demonstra a força da gramática, ainda, sobre vários gêneros textuais. Páginas institucionais constituirão os dados analisados.

## 4 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido e baseado em uma pesquisa documental, de natureza qualitativa, que consistiu na revisão teórica sobre Revisão de Texto, Fala e Escrita, Gêneros Textuais e Redes Sociais e na coleta de dados. As principais referências bibliográficas utilizadas neste estudo são Bagno (1999), Macedo (2013), Marcuschi (2008) e Rocha (2012), que serviram como base, tanto para a confecção deste trabalho, como também para o desenvolvimento intelectual da pesquisadora, cuja linha de pensamento vai ao encontro e de acordo com as opiniões dos mencionados autores.

A metodologia de pesquisa qualitativa possui os objetivos de fazer novas descobertas e de desenvolver teorias, baseadas em seus aspectos essenciais que:

Consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2009, p. 23).

Ainda de acordo com Flick (2009, p. 24), os campos de estudos não são compostos de circunstâncias produzidas em laboratório, mas, sim de “práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana”. Sendo assim, pode-se afirmar que esta linha de pesquisa se baseia em coletar informações do dia a dia na prática das pessoas, considerando suas variáveis e contextos, para poder chegar a uma conclusão, ou ainda a novas questões.

Os dados coletados para análise da presente pesquisa foram retirados da rede social FB, considerando que a linguagem utilizada nesse suporte virtual é uma mescla da fala e da escrita, além de também ser caracterizada pela comunicação

rápida e informal, o que traz o questionamento sobre até que ponto, apesar de todas essas características do suporte, a GT ainda é exigida. O período da pesquisa foi de janeiro a março de 2017, por ser uma pesquisa sincrônica, em que a pesquisadora buscou trabalhar com dados os mais atuais possíveis. Páginas institucionais foram escolhidas porque são aquelas que, em princípio, permitem e até exigem, mesmo no âmbito do suporte virtual FB, que a linguagem escrita siga os parâmetros da norma-padrão, considerando que o governo representa o poder e o poder sempre esteve ligado à GT.

A decisão de trabalhar com o tema revisão de texto dentro do FB foi tomada tendo em vista as diversas ocorrências de desvios relacionados à linguagem escrita encontrados pela pesquisadora durante suas próprias navegações pela rede social virtual, em que as mais frequentes, encontradas em diversos perfis, foram: (1) ausência de concordância verbal e nominal; (2) a utilização de algarismos no meio do texto, em vez de os números por extenso; (3) ausência de letra maiúscula em nomes próprios e início de frases; (4) abreviações, substituições e aglutinações de palavras; (5) sonorização de palavras; (6) ausência de pontuação e acentuação; e (7) estrangeirismos; além de ser um tema atual e presente na vida da maioria das pessoas, que ainda carece de estudos mais aprofundados. Ressalte-se que o objetivo desta pesquisa é perceber até que ponto um novo suporte virtual, rápido, informal, que engloba os mais variados gêneros textuais, pode mesmo prescindir da GT perante seus usuários.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Foram selecionadas algumas postagens de páginas institucionais do FB, com caráter público, distintas das páginas pessoais porque pretendem alcançar grande público, com culturas e visões distintas. Ademais, páginas institucionais costumam criar expectativa em seus usuários no que diz respeito à linguagem, à clareza da mensagem.

Tais postagens foram analisadas e adequadas à GT, tendo em vista que, apesar do suporte virtual em que estão inseridas, o objetivo é pesquisar se a revisão de texto à luz da GT se aplica, pois as páginas institucionais são aquelas que requerem clareza e objetividade em seus *posts*, porque representam instituições públicas, formadoras de opinião, serão visualizadas em larga escala. Assim, importa investigar como o revisor deve se posicionar considerando esses emissores institucionais, suas funções, o modo como são representados por seu público-alvo independentemente do suporte de suas mensagens e do objetivo dessa mesma mensagem.

A Figura 4 foi retirada da página institucional do Ministério da Educação (MEC), dentro do FB, e se refere ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2017.

Figura 4

**MEC** Ministério da Educação - MEC  
10 de março às 21:00 - 🌐

Prepare-se, o #Enem2017 is coming!  
Saiba mais: <https://goo.gl/uFJdop>



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 😄 🗨️ 23 mil      Comentários mais relevantes ▾

12.223 compartilhamentos

 Escreva um comentário...

 olha mano hahaha até o MEC está ligado no sucesso de Game of Thrones. ❤️  
Curtir · Responder · 2 · 10 de março às 21:19

 Moderador do MEC, sou seu fã nº 1!! Quero andar com vc no recreio. GOT 🤪  
Curtir · Responder · 665 · 10 de março às 21:24

**MEC** Ministério da Educação - MEC ✓  
  
Curtir · Responder · 525 · 10 de março às 22:28

 Escreva uma resposta...

 até os caras estão atualizados em se tratando de referências do universo pop, este é o futuro.  
Curtir · Responder · 6 · 10 de março às 21:34

👇 1 resposta

Fonte – <https://www.facebook.com/> Acesso em: 10 mar. 2017

No *post*, há a utilização de *hashtag* (#ENEM2017) e a junção das línguas portuguesa e inglesa na mesma frase, ou seja, uso de estrangeirismo, o que, na visão da GT, estaria errado, porém, sendo o FB um suporte virtual, esse tipo de construção



é permitido. Além da postagem, há três comentários de usuários comuns referentes a ela.

Apesar de a página do MEC ser institucional e ter abrangência nacional, sendo acessada por inúmeros usuários todos os dias, o linguajar utilizado na postagem não condiz com as regras impostas pela GT, pelo contrário, foge à GT e condiz com a linguagem utilizada pelos usuários comuns das redes sociais, fazendo referência implícita, inclusive, ao universo *pop* de entretenimento, conforme um dos usuários comentou abaixo da postagem.

Para a completa compreensão da postagem, é necessário que o revisor/leitor tenha conhecimentos prévios da expressão “*is coming*”, que é original do inglês e significa “está vindo/ está chegando”, e é bastante utilizada por internautas em diversos contextos e situações. Considerando que a língua possui diversas influências e por isso possui um caráter heterogêneo, termos estrangeiros foram (e ainda estão sendo) incorporados à língua portuguesa com o passar do tempo e com a ascensão da tecnologia, tanto na modalidade falada, como na escrita.

Estrangeirismos, de acordo com Bagno (2001, p. 49), são “termos e expressões de outras línguas que estão cada vez mais empregados na língua falada e escrita no Brasil”. O uso de estrangeirismos passou a ser mais popular e cada vez mais comum, o que causou certo alvoroço, tanto nas esferas política e social, como na linguística. Alguns acreditam que incorporar termos estrangeiros ao português representa “uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa”, conforme colocado pelo deputado federal Aldo Rebelo (PC do B/SP), ao propor o Projeto de Lei n. 1676/99, que restringe o uso de estrangeirismos. No ponto de vista do deputado, o uso de termos estrangeiros pode ser visto como uma ameaça ao nosso idioma pátrio. Para ele, a língua “pura” deve ser protegida.

Para Bagno (2001, p. 82), não existe língua pura: “o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas”. Para ele, não tem como controlar todos os usos da língua e impedir os estrangeirismos, pois a língua “é um sistema autorregulador, que dá conta de suas próprias carências e necessidades. Ela mesma acolhe o que tem serventia e descarta o que é dispensável”.

Bechara (2009, p. 599), por sua vez, afirma que a língua, como produto social, registra, nos estrangeirismos, os contatos entre os povos, pois tais estrangeirismos entram no idioma “por um processo natural de assimilação de cultura ou de contigüidade geográfica”. Para ele, o que deve ser combatido é o “excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes”, considerando que “a introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição”. Assim, surge a questão a respeito do posicionamento do revisor de textos perante um texto com estrangeirismos dentro do meio virtual: como esse profissional pode se posicionar? Questão essa que será respondida mais à frente.

Voltando à análise da postagem, a mensagem em si é simples, porém, o *post*, como um todo, incluindo a imagem da carteira escolar com canetas ao fundo e a fonte utilizada no texto da postagem, traz um contexto paralelo que faz referência à série televisiva *Game of Thrones*, referência esta que pode ser visualizada ao compararmos a imagem da Figura 4 com a imagem de abertura da mencionada série (Figura 5), que é muito popular em meio ao público jovem.

Figura 5 – Imagem de abertura da série *Game of Thrones*



Disponível em: <http://marteparaosfracos.blogspot.com.br/2014/03/fantastico-flash-mob-com-o-tema-de.html>. Acesso em: 12 de março de 2017, às 13:20.

Talvez essa tenha sido uma tentativa do MEC em se aproximar mais do público jovem, fazendo uso de seu linguajar e de seu meio de entretenimento, tornando a informação da postagem mais interessante. Com base em todos esses pontos e elementos que constituem a postagem do MEC, surge o questionamento de por que não fazer uso de elementos culturais nacionais? Por que a cultura norte-americana se sobressai à brasileira? Talvez as respostas para essas perguntas estejam no reflexo da globalização e do avanço tecnológico atuais, considerando que

Por um lado, há os termos da tecnologia e da pesquisa avançada, desenvolvida e registrada quase hegemonicamente nessa língua [inglesa]. De outro lado, há o universo do consumo e dos negócios. O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ela mediados (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 22-23).

Assim, é quase certo afirmar que um revisor de texto com visão tradicionalista sugeriria a troca da expressão estrangeira “*is coming*” pela expressão

portuguesa “está chegando”, o que mudaria o texto da postagem para “Prepare-se, o #ENEM2017 está chegando”! Para a autora desta pesquisa, no caso da Figura 4, mesmo sendo uma postagem de página institucional, o uso de estrangeirismo não afetou o sentido da mensagem, pelo contrário, tornou-a mais chamativa do ponto de vista de seu público-alvo, e, por esta razão, não haveria necessidade de traduzir ou de modificar o termo estrangeiro. O uso de estrangeirismos deve ser orientado, para que não ocorram exageros, nem sejam usados desnecessariamente, conforme pontuado por Bechara (2009), e não resultem na não compreensão da mensagem por parte de seus leitores, porém, seu uso não pode ser proibido, considerando a instância discursiva na qual está inserido.

A Figura 6 também foi retirada da página do MEC e contém um erro de concordância verbal. Vejamos:

Figura 6

**MEC** Ministério da Educação - MEC  
4 de março às 19:00 · 🌐

É, professor, seu conhecimento, dedicação e amor pelo ensino transforma vidas. Parabéns!

Quem tem um exemplo de professor, aí? Dedique este post para ele. ❤️



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 🗨️ 🥰 4,2 mil      Comentários mais relevantes ▾

1.507 compartilhamentos

Fonte – <https://www.facebook.com/> Acesso em: 04 mar. 2017

O verbo “transforma” está no singular, quando deveria estar no plural, uma vez que está relacionado aos vocábulos “conhecimento”, “dedicação” e “amor”, que estão caracterizando a ação do professor, no caso. Adequando a oração à GT, ficaria: “É, professor, seu conhecimento, dedicação e amor transformam vidas. Parabéns!” É importante lembrar que a página do MEC tem alcance nacional e que a linguagem

utilizada por ela é vista como “exemplo a ser seguido”, uma vez que se trata da autoridade maior da educação no Brasil. Por essa razão, em que pese a informalidade do gênero virtual, é essencial que a postagem não contenha nenhum erro, de nenhuma natureza, ortográfica ou semântica.

A imagem contida na Figura 6 se enquadrava bem ao texto ao qual está relacionada, pois mostra que o professor “plantou” e está “regando” o conhecimento na cabeça do aluno, e a expressão facial do aluno o mostra satisfeito e de acordo com o que está sendo afirmado.

A Figura 7 foi extraída da página da Câmara dos Deputados:

Figura 7

**Câmara dos Deputados**  
16 de março às 18:28 · 🌐

Comissão especial da Câmara dos Deputados aprovou nesta semana proposta de emenda à Constituição que permite a criação por municípios e pelo Distrito Federal de contribuição para financiar o transporte público coletivo urbano, como ônibus e metrô. O tributo, a ser criado por lei complementar local, entrará na cobrança do preço de gasolina, etanol combustível e gás natural veicular. <https://goo.gl/XT5TTO>



curtir · comentar · compartilhar

👍👎👏 836 · Comentários mais relevantes\*

551 compartilhamentos

Fonte - <https://www.facebook.com/> Acesso em: 16 mar. 2017

Ela contém ocorrências repetidas do mesmo erro de pontuação: ausência de vírgulas, no primeiro período, que é longo e que contém adjunto adverbial deslocado. No segundo período, faltou paralelismo em “na cobrança do preço de gasolina, **do** etanol e **do** gás natural”. Ao adequar a pontuação da postagem à GT,

temos o seguinte: “Comissão especial da Câmara dos Deputados aprovou nesta semana proposta de emenda à Constituição que permite a criação, por municípios e pelo Distrito Federal, de contribuição para financiar o transporte público coletivo urbano, como ônibus e metrô. O tributo, a ser criado por lei complementar local, entrará na cobrança do preço de gasolina, do etanol combustível e do gás natural veicular”.

Apesar do suporte virtual FB e do gênero postagem, que transita entre o formal e o informal, o emissor é institucional, portanto a adequação às normas da GT se faz necessária, para melhor fluidez do texto e melhor entendimento da mensagem. Esse *print*, além de conter o texto escrito, contém uma imagem que complementa a informação do texto. Essa imagem, com um homem sorrindo, é contraditória, tendo em vista que o texto traz a informação de um tributo a mais para a população pagar, e isso não é considerado bom, do ponto de vista da sociedade.

Dessa forma, o revisor de texto, como profissional crítico, poderia sugerir, à área de publicidade, a supressão do contribuinte que sorri, pois contradiz, e até insulta o leitor. Insulta porque eufemiza o discurso, associando tributo com “contribuição”, uma vez que, ao colocar a imagem do homem sorrindo, o *post* está omitindo que esse mesmo cidadão, que já paga impostos de transporte, vai pagar ainda mais. Essa questão já adentra a área da Análise do Discurso Crítica (ADC), que já realiza pesquisas do processo de eufemização do discurso em imagens publicitárias governamentais.

A Figura 8 foi retirada da página do Governo do Distrito Federal (GDF).



Figura 8

 **Governo de Brasília GDF**  
20 de março às 09:15 · 🌐

Um poderoso aliado na segurança das mulheres. Está em fase final de desenvolvimento dispositivo móvel que vai conectar mulheres em medida protetiva diretamente com uma rede de proteção à mulher em caso ameaça iminente. Inicialmente, 100 mulheres terão acesso à tecnologia a partir de abril. Veja mais detalhes em <https://goo.gl/o3ddgg>  
#BrasiliaDeTodasAsMulheres



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍❤️ 38    Comentários mais relevantes

17 compartilhamentos

Fonte – <https://www.facebook.com/> Acesso em: 20 mar. 2017

Em princípio, alguns erros de ortografia foram identificados, como no primeiro período, onde se lê “aliado na segurança das mulheres”, deveria estar “aliado à segurança das mulheres”; a supressão da preposição “de”, entre as palavras “caso” e ameaça”, no segundo período; e a ocorrência de um erro de digitação na palavra

“inicialmente”, que na postagem teve a segunda letra “i” suprimida, deixando a palavra escrita de forma errada, ficando “inicialmente”, no terceiro período. Há ainda a repetição da palavra “mulheres”, que ocorreu três vezes, quando poderiam ter sido utilizados sinônimos ou pronomes para evitar tal repetição. Essa seria a aplicação das regras gramaticais no texto. Porém, o problema aqui está principalmente na construção do texto, que se encontra truncada. Sendo assim, caberia também a revisão sintática, em que o revisor reestruturaria o texto para que este pudesse ser claramente compreendido.

Considerando que o FB possui aspecto rápido e informal, seria interessante colocar o texto na ordem direta, e, assim, uma sugestão de reestruturação do texto da Figura 8 seria:

“Está em fase final de desenvolvimento dispositivo móvel que vai conectar mulheres a uma rede de proteção em casos de ameaça iminente. Inicialmente, 100 mulheres terão acesso à tecnologia, que poderá ser uma poderosa aliada à segurança delas”.

A imagem dessa figura retrata um botão de emergência, com um dedo pressionando-o, o que traz a ideia de que o dispositivo pode ser pressionado pela mulher, a qualquer momento (pois o dispositivo é móvel), se necessário.

A Figura 9 foi extraída da página do Senado Federal:

Figura 9

**Senado Federal**  
25 de março às 11:00 · 🌐

O apadrinhamento afetivo de crianças e adolescentes com poucas chances de adoção proporciona aos jovens a convivência em família e o incentivo nos estudos. Não é adoção, é uma maneira de fazer com que a criança possa conhecer como funciona a vida em família, vivenciando situações cotidianas. As crianças têm encontros quinzenais – geralmente passam o fim de semana na casa dos padrinhos – fazem passeios e participam dos eventos da família. Tanto os padrinhos quanto os jovens são preparados previamente por meio de uma instituição especializada. Procure uma instituição próxima a você e ajude a construir o futuro.



**Senado Federal**

# APADRINHAMENTO AFETIVO

É o acompanhamento da vida de crianças ou adolescentes que vivem em abrigos com encontros quinzenais durante os finais de semana. Não é adoção. É uma oportunidade de oferecer a eles exemplos de participação familiar e de cidadania dentro da sociedade.

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍 🗨️ 🙄 10 mil      Comentários mais relevantes ▾

4.441 compartilhamentos

Fonte – <https://www.facebook.com/> Acesso em: 25 mar. 2017

Ela contém um erro bem comum de ortografia: o vocábulo “**no**” no lugar de “**ao**”, no início da terceira linha do texto. Conforme os padrões da GT, o correto seria “incentivo **aos** estudos”, tendo em vista que o verbo “incentivar” é transitivo direto e

requer, como complemento, a preposição “a”, e o substantivo “estudos” requer o artigo “o”, por ser um substantivo masculino. Esse desvio da norma-padrão é muito comum, tanto na língua falada, como na língua escrita, uma vez que os falantes não fazem distinção entre “no” e “ao” em casos como o mostrado acima. Essa interferência do revisor pode ser justificada pelo lugar de fala do emissor: o Senado Federal, instituição pública da qual se espera linguagem escrita formal. Faltou também espaço entre o segundo travessão e a palavra “fazem”. A estrutura “tanto... quanto” pede vírgula conforme a GT, contudo, a supressão dessas vírgulas já pode ser defendida pela tendência de se omiti-las em gêneros virtuais. É o caso, como defendido até aqui, do revisor de gêneros, que transita entre vários elementos determinantes de sua atuação nesse gênero: emissor, receptor, gênero, suporte, finalidade da mensagem.

A imagem vinculada à Figura 9 traz um homem de costas abraçando uma criança, que parece estar feliz. Essa ilustração dá a ideia de que o homem está dando carinho e amor à criança, o que, considerando o contexto, aponta que o apadrinhamento afetivo é uma coisa boa. Logo, a imagem escolhida pela área de publicidade foi adequada à postagem.

## CONCLUSÃO

Com base nas pesquisas feitas para a realização deste trabalho, ressaltam-se aqui alguns pontos relevantes para a revisão de texto dentro do ambiente virtual que é o FB. Primeiramente, retornando às questões expostas no subcapítulo 3.1, que trata sobre gêneros virtuais, verificou-se que é possível, sim, revisar um texto extraído do FB, sobretudo de página institucional, pois, como dito anteriormente, algumas regras da GT são aplicáveis a esse tipo de página, mesmo estando dentro desse meio, por serem páginas de longo alcance e influência. Essa aplicação, contudo, não é rígida. O revisor deve atentar para as tendências de escrita no suporte virtual FB que não contrarie seriamente a GT.

Em casos de perfis de usuários comuns, não é necessário aplicar as regras gramaticais, pois o gênero virtual em questão permite construções que a GT não permite. Nesse meio, não é exigido que as pessoas se expressem conforme a GT. Elas são livres para se manifestarem da forma como acharem que devem. Apesar disso, não se desconsidera que mesmo páginas pessoais sofrem cobranças dos usuários do FB em relação àquilo que muitos desses usuários consideram desvios da GT. Isso acontece por vários motivos: 1) desconhecimento de gênero; 2) efetivo comprometimento da mensagem, conforme a inadequação cometida; 3) predominância da GT, no imaginário dos falantes brasileiros, como o único modo correto de se expressar, na fala e na escrita, em qualquer gênero.

Ao dividir o FB em “institucional” e “não institucional”, percebe-se que o emprego da GT não é totalmente obrigatório nesse ambiente, mas o sentido é extremamente necessário, pois se o usuário comum se expressar de forma que as

outras pessoas não consigam entender, a comunicação pretendida por ele não terá atingido seu objetivo. Assim, é interessante que o revisor tenha conhecimentos prévios relativos ao conteúdo do texto a ser revisado, e tenha, também, consciência do intuito final desse texto, para que realize o tipo de revisão adequado ao que o texto e o autor deste desejam com essa revisão. É importante e preciso que o revisor considere, ainda, o contexto em que o texto está inserido, pois, de acordo com Rocha (2012, p. 80) “não se pode separar de forma ‘rigorosa’ o texto do seu contexto discursivo, pois o contexto também é fonte de sentido”.

Após toda a análise dos dados coletados e de outros visualizados a critério de pesquisa, foi verificado que as postagens de páginas institucionais dentro do FB necessitam passar pelo processo de revisão, tendo em vista que são posts de longo alcance, que muitas vezes são tidos como exemplos corretos a serem seguidos. Dessa forma, a aplicação das regras da GT, nesses textos, se faz imprescindível, para que não haja nem erros ortográficos e nem problemas na construção do texto, tanto em sua forma visual como semântica.

É importante que tais páginas também se preocupem com a construção e o sentido do texto, pois ambos interferem diretamente na compreensão e absorção da comunicação esperadas. O uso de estrangeirismo deve ser previamente analisado e ponderado, assim como seu contexto, pois o público ao qual o texto é destinado é exigente e variado, o que indica que ao mesmo tempo que parte desse público pode reprovar e criticar o uso de termos estrangeiros, a outra parte pode não compreender os seus significados e, assim, não compreender a mensagem postada.

Apesar de o gênero virtual não ser regido pelas regras da GT, as páginas institucionais contidas no FB podem e são orientadas pela norma-padrão da língua, o que traz o questionamento de até que ponto a informalidade defendida pelo gênero

virtual de conversa rápida prescinde da GT. Com base na pesquisa feita, ficou claro que os próprios usuários cobram a utilização da norma-padrão nessas páginas, mesmo o gênero virtual permitindo a informalidade, tendo em vista seu longo alcance e as autoridades que estão por trás delas. Essa informalidade do gênero virtual, aqui, deve ser muito bem pesada, considerando a repercussão que a postagem pode ter. Na Figura 6, por exemplo, não cabe a informalidade do gênero como justificativa para o erro ortográfico encontrado, uma vez que o erro é de origem gramatical e não possui nenhuma relação com a finalidade do texto. Já na Figura 4, por exemplo, a informalidade já coube, mesmo sendo uma postagem de página institucional, pois seu propósito é direcionado a um público jovem, que faz uso de linguagem coloquial, do mundo do entretenimento.

A respeito do posicionamento do revisor de texto quanto aos estrangeirismos, se nesse meio virtual são permitidas toda e qualquer forma de expressão e construção, a utilização de estrangeirismo também deve ser permitida, considerando que estrangeirismos podem, muitas vezes, auxiliar nas nossas atividades discursivas, enriquecer o texto, além de aproximar e disseminar culturas diferentes. Caso contrário, se a incorporação de termos estrangeiros não for permitida, o gênero em questão pode acabar sendo limitado, o que contradiz uma de suas principais características, que é justamente a liberdade ilimitada de formas de expressão.

Para páginas institucionais, talvez o uso de estrangeirismo deva ser regulamentado e direcionado, tendo em vista que essas páginas se utilizam da norma-padrão da língua, como aconteceu na postagem da Figura 4, em que o termo estrangeiro utilizado se deu como uma forma de aproximar o MEC do seu público-alvo, o jovem, no caso, uma vez que ao adentrar o universo jovem e fazer uso do

linguajar utilizado por ele, a informação colocada pelo MEC se torna mais interessante e atraente. Dessa forma, conforme mencionado anteriormente, além do uso de estrangeirismos não poder ser exagerado e nem realizado desnecessariamente, o revisor deve considerar o contexto ao qual o termo estrangeiro está inserido, bem como a sua funcionalidade, aplicabilidade e necessidade dentro desse contexto, além de considerar e respeitar, também, as características, as particularidades e o intuito do próprio gênero textual virtual.

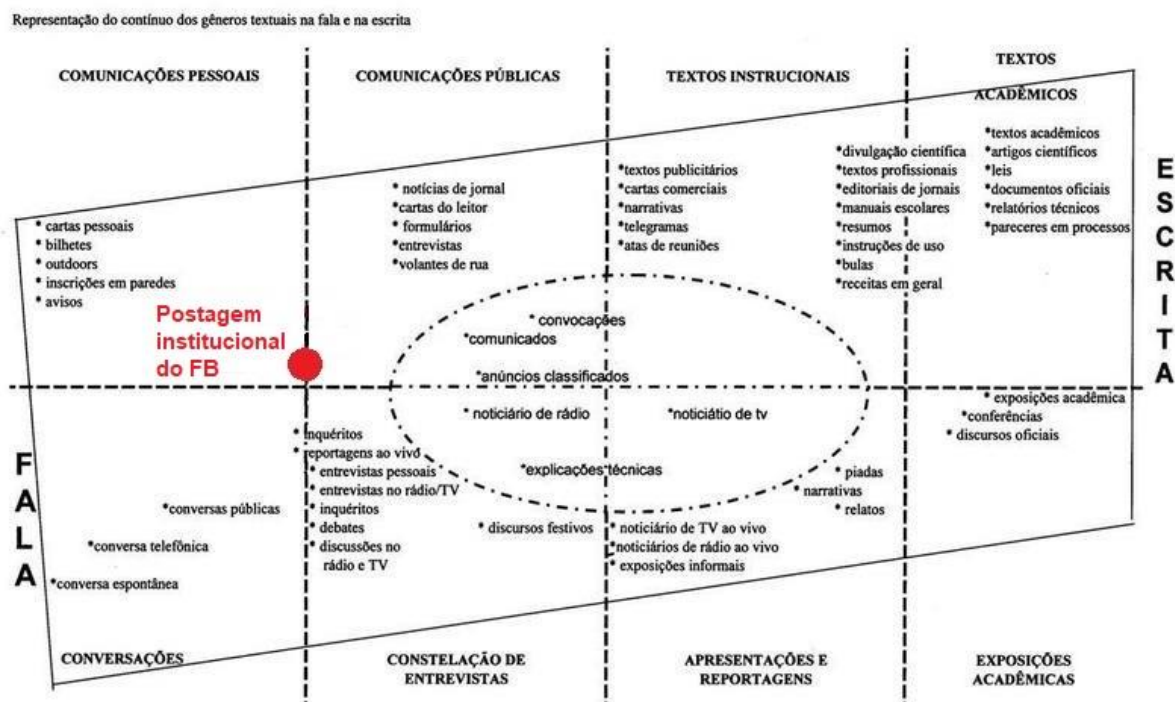
A proposta de Rocha (2012) sobre o revisor de gênero, citada anteriormente, enquadra-se melhor no contexto dessa instância discursiva que é o FB do que um revisor de texto tradicionalista, tendo em vista que nem sempre a GT é aplicável nesse suporte. Considerando que o FB se utiliza de variáveis linguísticas – diafásica e diastrática – é compreensível, e até aceitável, que haja interferência da língua falada na língua escrita, o que faz com que o FB seja classificado como um suporte que contém gêneros híbridos de escrita, ou seja, é essencialmente escrito, mas se encaixa entre essas duas modalidades da língua. De acordo com Heine (2005, p.9)

(...) a internet possibilitou a criação de um novo espaço para a escrita, permitindo também a ampliação da concepção de texto, que no espaço virtual carrega marcas da oralidade e representa um hibridismo entre a modalidade oral e escrita. Assim, o texto passa a ser dinâmico e interativo, sendo escrito por várias mãos.

Para ilustrar melhor essa linha de pensamento, retomando o contínuo da relação fala-escrita exposto previamente, a postagem institucional no suporte FB seria colocada entre as comunicações pessoais e públicas, situando-se na modalidade escrita, mas muito próximo à modalidade falada, conforme marcado em vermelho na Figura 10:



Figura 10 – Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita



Fonte – MARCUSCHI, 2008, p. 41

Dessa forma, antes de começar o trabalho de revisão em um texto retirado do FB, o revisor deve se atentar a todos esses aspectos que foram expostos no decorrer desta pesquisa – contexto, gênero textual, autor, objetivo do texto, público-alvo. Ele deve, ainda, ter ciência e conhecimentos a respeito do suporte e do gênero com os quais está trabalhando, para que seu trabalho seja realizado baseado no objetivo final do autor do texto e tenha um resultado condizente com o esperado tanto pelo autor como pelos leitores.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*. São Paulo: Lexikon, UNESP, 2008.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática: Texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 1998.

COELHO NETO, Aristides. *Além da revisão: critérios para a revisão textual*. Brasília: Editora SENAC, 2013.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em: 14 fev. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa* / Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para escrever bem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. *Estrangeirismos: desejos e ameaças*. In: FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

GUILHERME, Faria. *Manual de revisão*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

G1. *Facebook atinge marca de 1 bilhão de usuários todos os dias*. São Paulo. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html>. Acesso em: 27 dez. 2016. 01:31.

HEINE, Palmira. Considerações sobre o hipertexto e os gêneros virtuais emergentes no seio da tecnologia digital. *Revista Inventário*. 4. ed., jul/2005. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04pheine.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1967. 2 v.

JANNETT, Sean. *The Making of Books*. 1956.

KOMESU, Fabiana. Blogs e a prática de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Org). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MACEDO, Denise Silva. *As contribuições da análise de discurso crítica e da multimodalidade à revisão textual*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília (UnB). 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial: 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros virtuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Org). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PINTO, Ildete Oliveira. *O livro: manual de preparação e revisão*. São Paulo: Ática, 1993.

POLVEIRO JÚNIOR, Elton Edmundo. *O uso de estrangeirismos no Brasil e o PL nº 1676/99*. 2007. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/99591>. Acesso em: 13 abr. 2017.

ROCHA, Harrison da. *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2012.

SAATKAMP, Henry. *Preparação & revisão de originais*. Porto Alegre: Editora AGE Ltda., 1996.

SOARES, Leandra. *Conheça a história do Facebook*. 2014. Disponível em: <http://www.internetparaempreendedores.com.br/conheca-historia-facebook/>. Acesso em: 27 dez. 2016.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura Texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Org). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.